O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 310

1 DE AGOSTO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

N'estes dez dias que passaram sobre a minha ultima chronica, o facto que mais funda impressão produziu em Lisboa foi um facto tristissimo — a morte de Thomaz Bastos.

O OCCIDENTE publica hoje o retrato d'esse illustre e honrado jornalista, professor e deputado que a morte tão brutalmente derrubou na força da vida, e acompanha esse retrato com um artigo biographico escripto por um nosso excellente camarada d'estas luctas quotidianas do jornalismo, um escriptor novo que os leitores do OCCIDENTE já conhecem e que era um dos grandes e intimos amigos de Thomaz Bastos.

Por isso, por essa biographia de Thomaz Bastos dever ser tão completa, feita por quem de tão perto o conhecia, não trataremos aqui de esboçar o perfil sympathico do chorado morto e apenas nos referiremos á sensação profunda que o fallecimento de Thomaz Bastos produziu em Lisboa.

Essa sensação foi filha das circunstancias especiaes em que essa morte se deu, e do feitio muito excepcional que caracterisava Thomaz Bastos.

Thomaz Bastos foi jornalista durante muitos annos, e jornalista politico: escrevia quotidianamente no *Diario Popular* e no *Primeiro de Janeiro* tratando sempre de todos os assumptos importantes de momento, não fugindo sequer a uma das mais notaveis questões que n'estes ultimos annos mais tem impressionada a opinião publica, e apesar d'isso, Thomaz Bastos morreu sem deixar atraz de si uma inimisade, um rancor — deixando apenas por toda a parte lagrimas e saudades.

Não se póde fazer maior elogio ao caracter d'um homem e á finura e habilidade d'um escriptor.

Trabalhando durante annos na politica portugueza, occupando um lugar em evidencia n'um dos partidos militantes, Thomaz Bastos teve a rara qualidade de nunca levantar contra si, mesmo no ardor das mais violentas refregas politicas, o odio e as antipathias dos seus adversarios.

E' que Thomaz Bastos nunca trouxe tambem para o dominio das luctas partidarias, odios nem rancores, nunca levantou questões pessoaes d'essas que cavam abysmos profundos entre adversarios e que mesmo no mais ardente fogo do combate conservou sempre a serenidade imperturbavel do seu espirito lucido, encarou sempre todas as questões com um profundo bom senso e são criterio, que eram as suas qualidades caracteristicas de jornalista.

E sob este ponto de vista o illustre escriptor que nós todos hoje choramos, occupou um lugar perfeitamente áparte no jornalismo portuguez.

Redactor effectivo do *Pimpão*, onde, desde a fundação d'esse jornal, que tão brilhante caminho tem feito entre o jornalismo portuguez, escreveu sempre os artigos de fundo, Thomaz Bastos, sob o pseudonymo de Sancho Pancha, historiava, semana a semana, os mais notaveis acontecimentos da nossa terra n'uns scintillantes artigos humoristicos, que hão de ficar como modelos notabilissimos do genero.

N'esses artigos, alguns dos quaes são verdadeiras obras primas, todos os acontecimentos do paiz eram, sob uma fórma ligeira, d'um humorismo espirituosissimo, d'uma verve torrencial, criticados, analysados com um raro bom senso, e com uma franqueza e sinceridade ainda mais rara.

O que todos pensam, mas o que ninguem se atreve a dizer em voz alta, dizia todas as semanas Thomaz Bastos nas columnas do *Pimpão*, mas dizia-o de tal modo, com tão fina arte, com tão delicado talento, que ninguem se achava offendido, e que mesmo aquelles a quem mais aceradamente visava a sua critica, eram os primeiros a acharlhe rasão, e a applaudir esses artigos.

Não tendo, portanto, inimigos como jornalista e como escriptor, não os tendo tambem como homem, porque era um caracter excellente, um modelo de probidade, de lealdade, e de delicadeza, adorado por todos os seus discipulos da escola do Exercito, que encontravam n'elle sempre um amigo dedicadissimo, Thomaz Bastos desceu ao tumulo deixando por toda a parte saudades, acompanhado pela dor sincera de todos quantos o conheciam.

Mas a impressão que a sua morte causou foi ainda maior pela situação especial em que essa morte o veio surprehender.

THOMAZ BASTOS — FALLECIDO EM 21 DE JULHO DE 1887

(Segundo uma photographia de Fritz

Muito novo ainda, tendo apenas 45 annos de idade, Thomaz Bastos estava a chegar ao ponto culminante da sua carreira politica. Deputado progressista, uma das maiores capacidades intellectuaes do seu partido, estava claramente indigitado, já pelas suas aptidões e conhecimentos especiaes, já pelos serviços prestados ao seu partido, já pelas sympathias geraes que contava, para ministro da guerra, e o seu nome era publicamente citado, apontado, logo que se fallava em recomposição ministerial.

Foi exactamente n'esta occasião, que a doença o accommetteu.

Ao principio, essa doença não apresentou nenhum symptoma alarmante.

Thomaz Bastos, depois de ter estado alguns dias em casa, *ligeiramente incommodado*, appareceu na rua bem disposto, e tendo apenas como symptoma visivel de doença, uma inchação no pescoço e na cara.

Fallamos-lhe na rua do Ouro á esquina da rua dos Capellistas, e mal sabiamos que seria essa a ultima vez que o viamos.

Estivemos ainda a rir um bocado com elle ácerca d'essa gordura repentina, estivemos fallando a respeito das eleições de deputados que dias antes se tinham realisado e em que elle sahira eleito por Lisboa.

—Já sei que te devo um bocadinho da minha eleição, disse-nos elle.

Conversámos um pedaço, depois veio o americano que elle esperava, passou o americano que me servia e cada um de nós seguiu o seu caminho.

D'ali a dias soube que Thomaz Bastos estava peior.

A doença apresentou então a sua phase terrivel.

N'um dia disseram-me que estava peior: no outro dia que estava perdido.

Tive muita vontade d'ir vêl-o, mas como nunca fôra a casa d'elle, tive medo de que para satisfação do desejo de o ver, o fosse assustar com a minha presença, mostrando-lhe que o seu estado era grave, porque elle sabia perfeitamente a minha vida, sabia que não tenho tempo para visitas. E de peiora em peiora, a doença foi progredindo até que o matou ao cabo de cinco mezes d'um terrivel martyrio physico, d'um muito mais horroroso martyrio moral.

Thomaz Bastos era um homem todo dedicado á sua familia:—adorava sua mulher, era doido por sua filha, uma lindissima creança que conta hoje 13 annos e que era todo o seu enlevo e a quem elle estava dando uma educação esmeradissima.

E a morte veio exactamente buscal-o, quando essa educação estava em meio, quando roubando á filha o pae, não lhe deixava os meios—porque Thomaz Bastos vivia largamente, mas vivia exclusivamente do seu trabalho, auferia grandes juros d'um só capital, d'um capital que desapparreceu com elle; o seu talento—não lhe deixava os meios, diziamos, de continuar, de concluir essa educação tão brilhantemente encetada.

E essa circumstancia que fez da morte d'elle uma dupla catastrophe de familia, pela perda moral do seu chefe, pela perda material do desapparecimento do seu ganha pão, foi tambem uma tortura enorme para Thomaz Bastos, que conhecia o seu estado, que se via dia a dia encaminhar para a cova, sem encontrar nenhuma medicina, nenhum medico—e teve dos mais illustres e dos mais dedicados ao seu lado—que fizesse parar a doença no seu terrivel caminho, que o fizesse afastar da morte que tão inexoravelmente chamava por elle.

E tendo a consciencia do seu estado, e vendo a seu lado sua mulher e sua filha, que tinha a certeza d'ali a dias, d'ali a horas, d'ali a minutos, deixar para sempre, comprehende-se bem o martyrio enorme que padeceria esse pobre grande espirito, proximo a apagar-se, essa grande alma prestes a desprender o seu vôo.

E foi tudo isto, foram estas circumstancias medonhas que rodearam a morte de Thomaz Bastos, que fizeram com que essa morte produzisse tão grande e profunda impressão em toda Lisboa.

Companheiros e amigos de Thomaz Bastos durante muitos annos nós sentimos pungentemente a sua morte e não podiamos deixar de prestar aqui a nossa homenagem de saudade pela perda d'esse illustre collega. A sua biographia minuciosa encontral-a-hão mais adeante os nossos leitores feita por um intimo amigo d'elle, por um escriptor muito distincto apesar de muito novo ainda e que já é conhecido nas columnas do Occidente.

No dia em que estamos escrevendo esta chronica inaugura-se no edificio dos Jeronymos um museu muito interessante, de grande utilidade e cuja necessidade de ha muito se fazia sentir—o Museu Industrial e Commercial.

Cabe a honra da iniciativa d'este museu ao illustre homem de sciencia, o sr. Antonio Augusto de Aguiar quando foi ministro das obras publicas, e ao notavel jornalista o sr. Emygdio Navarro cabe agora a honra de pôr em pratica tão grande e util idéa.

Na alta sociedade portugueza houve ha dias uma festa brilhante—o casamento da sr.ª marqueza do Fayal filha unica dos illustres duques de Palmella, com o filho segundo dos srs. condes da Praia.

Este casamento que se celebrou na capella dos srs. duques, no seu palacio da rua da Eschola Polytechnica com um apparato perfeitamente principesco, sendo celebrante o sr. cardeal patriarcha de Lisboa une duas das casas mais opulentas de Portugal.

O noivo da sr.ª marqueza de Fayal foi agraciado no dia do casamento com o titulo de marquez.

A noiva levou em dote a magnifica quinta das Laranjeiras, uma das mais formosas vivendas de Portugal, para onde os noivos foram passar os primeiros dias da lua de mel, e d'onde partiram em seguida para o estrangeiro em *voyage de noces*.

Em outubro os marquezes de Fayal assentam residencia em Coimbra, para o sr. marquez concluir na Universidade a sua formatura.

———

O tribunal supressor de guerra e marinha annulou no dia 28 todo o processo Marinho da Cruz. A resolução do tribunal era esperada com anciedade por toda a gente. Agora Marinho da Cruz será novamente julgado no proximo mez d'outubro.

Gervasio Lobato.

THOMAZ BASTOS

Muito triste sempre ver cahir de repente, um d'esses trabalhadores incansaveis a quem o estudo e o talento distinguem do vulgar, sobretudo quando elle é arrancado cruelmente em pleno vigor da vida, em toda a pujança das suas fortes qualidades, a um futuro promettedor e brilhante. Foi o que succedeu com o illustre morto, que vem hoje e tão prematuramente, figurar na galeria já longa do Occidente.

Apanhado de subito por uma doença terrivel que o havia de turturar durante mezes, não foi sem uma impaciencia bem natural e bem manifesta que Thomaz Bastos acceitou os primeiros tratamentos. Custava-lhe ter de resignar-se a um revez da sorte elle que tanta vez os desafiara, vencendo-os sempre. Por fim sentiu a impossibilidade de reagir contra o mal que augmentava escarnecendo da robustez do seu organismo e da dedicação da sciencia, percebeu-o e se teve a força de vontade sufficiente para o encobrir aos que tanto lhe queriam, não teve egual força para não se deixar dominar por ella e succumbiu profundamente. Atacou o então outra doença, peior que todas as outras, a doença moral, e o seu bello espirito tão moderno e tão scintillante, ficou para sempre amarrado a essa melancholia medonha que transformou os ultimos dias da sua vida n'um cruciante martyrio! Debalde a sciencia procurava suavisar-lhe as afflicções, debalde a familia pretendia tranquilisal-o com uma postiça confiança n'essa cura; o mal seguia desenfreadamente o seu caminho, levando comsigo, atravez todas as metamorphoses porque passava, o lucido pensamento do pobre enfermo, como a querer adivinhar n'essas angustiosas noites que o suffocavam, o tempo que ainda lhe restava de vida, para padecer. Não se póde idealisar martyrio maior do que esse sobreviver á propria morte! Por isso se calcula quanto soffreria essa alma tão generosa, esse espirito tão alevantado, esse coração tão nobre, ao ver apagar-se-lhe a pouco e pouco a luz dos olhos, e fugir-lhe da vista entre o grupo silencioso dos seus enfermeiros, que tanto lhe queriam, a figura suave e meiga d'essa loura criança que era todo o seu encanto, unico fio que o prendia talvez ao mundo n'essa derradeira hora.

É por tudo isto que a impressão causada por essa morte adquiriu uns certos fóros de acontecimento. Não o choraram apenas os amigos e conhecidos, lamentaram-o todos, até os mais indifferentes, e elle caiu no tumulo legando á familia a extraordinaria consolação de ver reunidos junto do seu cadaver, n'uma manifestação imponentissima e n'uma saudade unanime, amigos e adversarios.

Tudo mereceu esse infeliz rapaz. Elevando-se unicamente pelo trabalho e pelo estudo, tudo o que foi deveu a si. Nunca a vontade humana saiu mais victoriosa d'estas luctas de todos os dias. Nascido para a carreira militar que escolhêra, ao tempo ainda em que o estudo, o talento e educação não poupavam uns certos serviços rudes, Thomaz Bastos entrou no exercito como soldado, seguindo depois todos os postos. É verdade que os atravessou rapidamente, mas em todo o caso conheceu-lhes por experiencia a aspereza, e quando os recordava na conversa íntima, que serie de peripecias curiosas elle contava!

O estudo attrahia-o sempre, a sciencia parecia adivinhar no cerebro d'elle, um forte cultivador. Pronunciou-se então pela artilheria e uma vez na arma, entrou para o corpo docente da Escola do Exercito, como repetidor. É aqui que a sua intelligencia clarissima se manifesta de uma fórma notavel. Acompanhando com um enthusiasmo, nunca desmentido até os ultimos tempos da sua vida laboriosa, todas as evoluções da sciencia, seguindo com um amor raro, todas as questões que prendiam com o engrandecimento d'essa Escola, o moço artilheiro, ao tempo capitão, começou a adquirir entre os camaradas, o logar distincto que hoje occupava, e desde logo se impoz pelas qualidades brilhantes do seu saber. O seu extraordinario bom senso dava-lhe a auctoridade nem sempre compativel com os verdes annos, e era vêr então como os seus proprios professores reclamavam depois, do novel collega o seu conselho, confiantes, cheios de fé. Por isso a mais de um d'elles, dos mais distinctos pelos annos e pelos serviços, ouvimos dizer que difficilmente se preenchia a sua vaga, de tal fórma elle se impuzera entre o corpo docente da Escola, onde figuram algumas das notabilidades scientificas do exercito; e o decano d'elles todos, o illustre general Gama Lobo, bem alto o provou nas eloquentes palavras com que, em nome d'essa mesma Escola, lhe disse o ultimo adeus no cemiterio.

Mas era pouco, para tão vasta intelligencia, a magistratura professional. Precisava o seu espirito de horisontes mais rasgados, mais amplos, para brilhar em outras gloriosas manifestações do pensamento humano, não que o talento não possa encontrar no estudo scientifico, as mais longas aspirações, mas porque no nosso paiz tem sido sobretudo na politica que os grandes talentos encontram futuro mais largo e mais brilhante.

Entrou no *Diario Popular*, e accentuou logo nas columnas d'esse jornal as áltas qualidades da sua prosa vernacula e da sua fina dialectica. Ao tempo em que o redactor principal d'aquelle diario progressista affirmava, em artigos que fizeram epocha, a sua poderosa individualidade jornalistica, o talento de Bastos grangeava a maior das honras, na facilidade com que muitas vezes se attribuiam a elle, artigos que a sua pena desconhecia.

Seguindo sempre com passo firme o caminho traçado pelo partido em que se filiára, e apesar de toda a sua lealdade partidaria, o caracter e o espirito de Thomaz Bastos, precisavam de ter onde affirmar-se mais livre de compromissos politicos, onde, por assim dizer, a sua opinião individual podesse apresentar-se á vontade, sem medo de comprometter a responsabilidade dos seus collegas ou dos seus chefes. Por isso, as correspondencias que diariamente remettia, havia uns poucos de annos, para o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, é que ficaram representando na imprensa politica o genuino pensar do illustre jornalista que divergindo dos seus amigos, algumas vezes—e ainda bem para elle—na fórma de attacar uma questão, nunca teve a deslealdade de levantar por si o menor attricto ao caminho encetado por elles. Está n'isto a sua melhor gloria de partidario!

Mas nem os artigos de fundo de um diario, quasi sempre obedecendo strictamente a uma ideia ou a uma inspiração politica, nem as correspondencias para um jornal do Porto, escriptas segundo as noticias da ultima hora, sobre um determinado assumpto mais ou menos saliente, mais ou menos notavel, lhe permittiam dar á sua prosa tão genuinamente portugueza, tão ligeiramente graciosa, o cunho do seu grande humorismo. Foi depois no *Pimpão*, em 1875, que esse humorismo se revelou brilhantissimo, exhu-

berante de força e de vigor. Para muitos, os artigos de Gil Bomba, de Sancho Pansa ou de Junios, foram uma surpreza, ignoravam essa maneira tão profundamente moderna do estylo de Thomaz Bastos, mas nós que conviviamos intimamente com elle, que cavaqueavamos a miudo, n'este cavaco descuidado de familia, depois de jantar, isolados no escriptorio d'elle, saboreando um charuto e tomando uma chavena de caffé, avaliavamos bem o poder da sua graça natural, do seu finissimo espirito tão portuguez, tão vernaculo, de um genero que vae rareando cada vez mais no pequeno meio litterario de Lisboa e que constituem por si só uma das feições mais distinctas d'esse talentoso rapaz. Os artigos editoriaes do *Pimpão* escriptos todos os sabbados, ha doze annos, com curtos intervallos, formam a mais preciosa critica dos costumes portuguezes e do nosso viver social. Erudito a valer, modesto como poucos, espirituoso como raros, Thomaz Bastos deixa na chronica alegre das nossas cousas, um grande vacuo, e pena é que essa sua obra tão original e tão divertida, se encontre apenas dispersa pelos numeros de um jornal, onde os artigos, por maior valor que tenham, pouco mais vivem do que as lendarias rosas de Malherbes...

Temo-nos alongado um pouco para o espaço que o OCCIDENTE póde dispensar hoje á biographia de Thomaz Bastos, fugindo até aqui em nos embrenharmos em datas biographicas que mais tarde possam historiar a carreira brilhante do illustre militar, do gracioso jornalista, do honesto politico cuja perda todos deploram. Paciencia. De resto, não nos sentimos muito dispostos a dar aqui n'este artigo despretencioso, que representa apenas a homenagem de uma saudade profundissima, qualquer resenha de almanach militar. Depois as datas da carreira de Thomaz Bastos, que correram ahi pelos jornaes, tem o pequeno defeito de estar erradas, e de o terem feito mais velho do que elle era. Morreu, contando apenas 45 annos, no posto de tenente coronel a que subira em 16 de junho do anno passado. Adornavam-lhe a farda, que elle tanto honrára, as commendas de Aviz e de Gustavo Wars da Suecia, e entre ellas uma que elle muito presava, a medalha de comportamento exemplar.

Foi deputado em quatro legislaturas, a primeira vez por Angola, a segunda por um circulo da provincia, em 1885 por accumulação, e nas ultimas eleições por Lisboa, onde obteve uma votação muito superior aos seus outros companheiros politicos, prova mais evidente do grande numero de sympathias que tinha. Em 1881 foi primeiro secretario da Camara dos Deputados e chefe do gabinete do ministerio da guerra, ao tempo da gerencia do ministro de estado o general José Joaquim de Castro que foi sempre para elle durante a doença o mais valioso auxilio, e o mais inconsolavel amigo.

E com 45 annos apenas, quando o futuro lhe promettia breve a maior recompensa para o seu estudo de tantos annos e para as justas ambições do seu talento e da sua lealdade politica, cahiu vergado ao pezo de uma enfermidade medonha, esse caracter honestissimo que na sua passagem radiante pela terra, teve a habilidade de não haver uma unica antipathia, gloria esta de que nem todos, os maiores e os melhores, se poderão gabar. Explica-se assim a tristeza com que todos o acompanharam ao cemiterio, as lagrimas que rompiam espontaneas de todos os olhos, a saudade immorredoura que deixa n'aquelles que como eu, o conheciam e estimavam deveras, saudade avivada constantemente e ainda no proprio dia do seu enterro, por uma tristissima coincidencia que fez com que o seu corpo descesse á sepultura, aos sons da marcha funebre de Schopin, essa adoravel marcha que ainda dias antes, quando a doença se não havia accentuado tanto, pedira para que lhe tocassem.

João Costa.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇÃO

(Continuação)

Um retrato e um quadro. Um quadro, sobre tudo; e isto de passar de retrato a quadro não é de pouca monta.

Se o nariz está exacto, se os olhos tem a expressão do original, se a bocca tem o mesmo sorriso, não o podemos avaliar, porque não conhecemos a sua gentil possuidora; mas nada que menos nos importe em face da soberba pintura, opulenta, dominadora.

Estamos no *Salon*, diria alguem que já tenha visitado o grande centro da arte, ou mesmo que o não tenha visitado.

Pois estamos simplesmente na Academia de Bellas-Artes de Lisboa. Na presença de um quadro de um dos seus discipulos, o sr. Carlos Reis, um novo que tem sabido estudar e que tem em si toda a intuição do verdadeiro artista, do que sabe ver, do que sabe assimilar.

São estas as qualidades reveladas n'aquelle quadro, pela exactidão com que viu o setim do vestido da joven retratada, pela felicidade com que o reproduziu na téla, atravez da sua paleta e dos seus pinceis.

Não sabemos se assim o teria feito antes de vêr Carolus Duran, mas depois de conhecer os retratos pintados por este artista, todos dirão que Carlos Reis se inspirou nas famosas telas do grande pintor moderno, e para isso vê-se que não foi preciso ir a Paris, estanciar por lá nas escolas d'arte e estudar de perto nas obras do mestre.

Bastou que Carolus Duran viesse a Lisboa; pintasse ahi fugitivamente dois ou tres retratos que estiveram expostos nas salas da Academia, e logo o prestigio, a magia d'estas pinturas influiram profundamente no espirito do joven estudante.

Não se pense por isto que o quadro em questão é uma imitação sem critica do pintor francez, que por sua parte tambem achou o seu processo estudando Vellasques. Carlos Reis pinta sobre a tela com uma largueza e uma magia, que não é resultado de quem quer simplesmente imitar, senão de quem segue o proprio impulso, embora esse impulso o approxime do processo singular de um outro artista.

É esta mesma largueza que na grande téla dá o famoso retrato da exm.ª sr.ª D. Guilhermina Roxo, prejudica bastante os pequenos quadros de paisagem «Terra do Seabra» e «Na Tapada» que são uns esbocetos de pouco valor.

Então é só o retrato?

E se fosse não seria bastante?

Mas temos mais. Temos o «Manuel da Horta», encostado ao seu varapau, com a sua jaqueta ao hombro, n'uma *pose* habitual e simples, desenhado e pintado alli com uma verdade inexcedivel, que se impõe e attrahe, a ponto de fazer esquecer o descuido com que o artista pintou o resto do quadro.

É este «Manuel da Horta» que quasi defronta com um outro quadro notavel; notavel principalmente pela novidade do assumpto entre quadros portuguezes.

Um quadro moderno, popular, que não se inspira na historia do passado, nem nas bellezas da natureza; mas na vida da officina, n'esse grande laboratorio onde se distilla a vida e onde fervem as idéas emancipadoras, praticas ou utopistas, discutidas com o mesmo enthusiasmo.

É o sr. Salgado, um discipulo da Academia, que foi a uma officina lythographica buscar o assumpto e os modelos para o seu quadro «Artigo de Sensação».

Dois operarios escutam a leitura de um artigo do *Seculo* que um terceiro lê, encostado muito naturalmente á sua prensa lythographica.

A composição aproveita bem a estreiteza da téla. Os que ouvem, ouvem bem, o mais moço com mais interesse que o mais velho, e sem perscrutarmos se o quadro acabado perderia a agudeza que tem, avaliamos simplesmente a intenção que se realisa.

O mesmo acontece com a «Confidencia» do mesmo artista.

Costumes do seculo XVI. Na escada de um palacio conversam em intimidade dois cavalheiros.

Perfeitamente composto. Menos correcto que o outro; mais colorido que elle. Impressiona agradavelmente esta téla. Tem grande harmonia.

E para que se não diga que o artista não acaba os seus quadros lá apresenta «Uma explicação.» Scena domestica, em que uma velha explica a uma joven como deve fazer um tapete de retalhos que está cozendo. Mas por mais acabado, este quadro não é melhor que os outros.

E cá temos uns retratos a affirmar as qualidades coloristas do artista, e uma cabeça de preto muito bem esboçada, a fazer-nos soltar um irresistivel atchim.

Mas guardemos o nosso atchim e retomemos a gravidade propria ante um monarcha.

D. Sebastião, o malogrado rei, a quem a phantasia atraiçoou tanto ou mais que os jesuitas. E lá está elle sentado com o seu padre ao lado, pensando ou não pensando nas suas conquistas, pois é difficil diffinir a intenção do artista, o sr. Luciano Freire, outro discipulo da Academia, que investe com a historia muito louvavelmente, porque, emfim, a intenção é boa embora a não realise a nosso vêr.

O bem pintado d'este quadro não póde suplantar, algumas incorrecções do dezenho, e o formato desfavoravel da téla que sacrifica a prespectiva.

E da historia profana dá um salto para a historia sagrada, e apresenta-nos «Agar e Ismael no deserto».

Um quadro biblico, um ponto de concurso academico de que se sahiu como um bom discipulo, que ainda não viu as areias do deserto, mas que conhece soffrivelmente o nu, conseguindo alguma expressão e sentimento, o bastante para relevar outras pequenas faltas que se notam no quadro.

E depois uma *pochard*, e um retrato muito artistico, que nos faz lembrar os retratos de Goya ou de Coelho os celebres pintores da velha escola hespanhola.

Por baixo d'este retrato ha um quadro que nos atrahe irresistivelmente. Que nos deslumbra na primeira impressão pela força do colorido, pelos jorros de luz que passa atravez da vidraçaria.

«O lanterneiro» de Antonio Ramalho, o pintor collorista; peninsular; a quem o ceu da França não modificou a viveza da sua paleta. Destaca-se fortemente de todos os quadros.

Tem uma individualidade distincta.

Todas as harmonias da côr de acordo com todo o vigor do collorido, qualidades estas que só por si recommendariam o quadro se não tivesse ainda a correcção do dezenho.

De resto a composição é simples. O homem que faz lanternas todo entregue ao seu mister, e uma outra figura ao fundo.

Eis tudo o que se vê depois dos olhos repousarem alguns momentos do primeiro deslumbramento.

A critica da obra já está feita. Está feita desde a primeira exposição em que appareceu em Lisboa. No *Grupo do Leão*.

Não insistimos mais, e sem sahirmos d'esta sala encontramos um retrato de senhora a defrontar com o outro; com o primeiro a que nos refferimos.

É o retrato de mademoiselle A. Burnay, pintado por Malhoa, artista já muito conhecido, do *Grupo do Leão*, e que alem d'este retrato expõe outros quadros que já figuraram nas exposições d'aquelle grupo, a respeito dos quaes a critica já se pronuncia.

Mas o retrato.

Vamos ao retrato.

Uma grande téla dominada por uma nota azul quasi celeste ou mesmo celeste pelo vaporoso do tecido, ao pé do qual não ha carnação que resista que tenha frescura, limpidez de tinta.

Seria uma lança em Africa se o artista tivesse conseguido isto, mas aquelle azul do vestido atraiçoou-o, e sem decermos a outras minuciosidades impertinentes, attentemos n'uns cabellos magnificamente pintados, e na capa que cahe descuidosa ao lado da figura, onde ha uma nota justa, no setim branco de que é forrada.

E seguindo livremente, passemos á segunda sala onde está o «Campino»

(Continúa.)

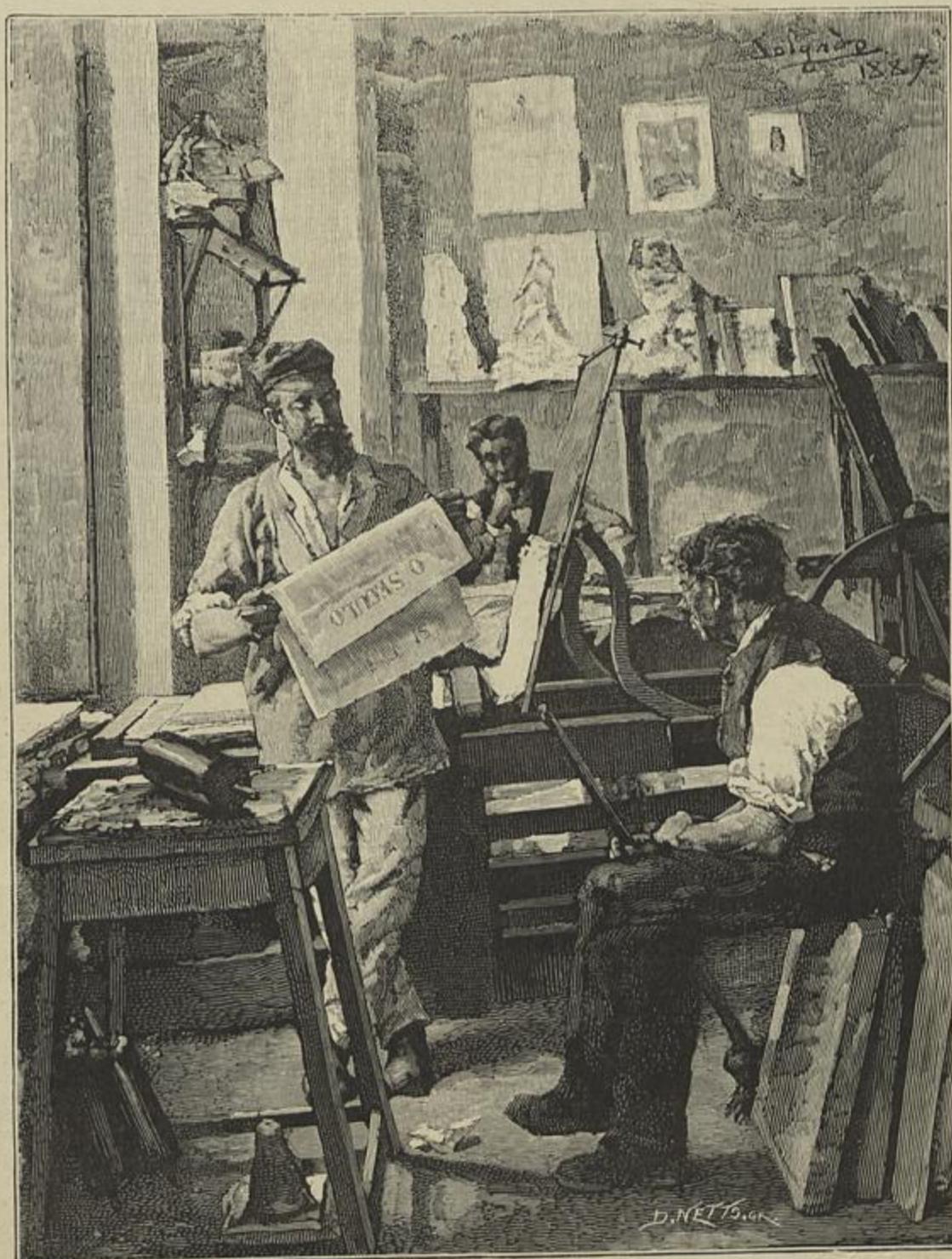
Xylographo.

AS NOSSAS GRAVURAS

O YACHT DE RECREIO «SIRIUS» E O VAPOR «DRAGÃO» PERTENCENTES A S. M. EL-REI D. LUIZ

Principiámos pelo yacht de recreio *Amelia* e proseguimos pelos yacht *Sirius* e vapor *Dragão*, outros barcos de recreio, pertencentes a sua magestade el-rei D. Luiz.

O *Sirius* é incontestavelmente o primeiro yacht de recreio registrado na Real Associação Naval, não só por pertencer a el-rei, que é o commo-

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES

ARTIGO DE SENSAÇÃO

QUADRO DE J. VELLOZO E SALGADO (Segundo uma photographia)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

AGAR E ISMAEL NO DESERTO

(Quadro de Luciano Freire)

CUMEADA (COIMBRA)

(Quadro de Francisco Gil)

O MANUEL DA HORTA

(Quadro de Carlos Reis)

UMA TARDE DE OUTUBRO NO LINHÓ

(Quadro de D. Fanny Munró)

COSTUME
DE VIANNA DO CASTELLO

(Quadro de D. Bertha Ortigão)

UMA PAISAGEM

(Quadro de Hygino de Mendonça)

UM NINHO DE FLORES

(Quadro de D. Josefa Greno)

doro, mas porque é effectivamente o barco de recreio melhor construido e mais elegante que tem figurado nas regatas do Tejo.

As suas dimensões são: 60 pés de comprimento, 12 na sua maior largura e 10 de pontal. Quer exteriormente, quer interiormente é uma belleza, e mesmo no estrangeiro, onde ha grande quantidade de barcos de recreio, será difficil encontrar algum que lhe leve a primasia.

O vapor *Dragão* é outro barco elegante e commodo em que suas magestades repetidas vezes passeiam no Tejo, diversão a que el-rei D. Luiz é muito affeiçoado, como recordação agradavel da sua mocidade, em que por tantas vezes atravessou o Occeano na corveta *Bartholomeu Dias*.

O *Sirius* foi ultimamente modificado na sua armação e agora arma em palhabote, com o que não ficou menos elegante.

A este gracioso desenho do nosso collaborador sr. José Pardal seguir-se-hão outros de barcos de recreio.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XVI

Apesar de se entregar com actividade e enthusiasmo á gerencia da pasta da guerra, não descurava Fontes os negocios importantissimos da fazenda publica. Encarando, como sempre fez, com intemerata resolução, os problemas financeiros, Fontes Pereira de Mello não hesitou em reconhecer, e em sustentar que, tendo augmentado consideravelmente os encargos publicos em virtude do grande desenvolvimento dos melhoramentos materiaes, forçoso era que se criasse tambem receita sufficiente para lhes fazer face de um modo serio, afim de evitar que se recorresse ao credito para pagar não só os melhoramentos, mas os juros dos emprestimos para esses melhoramentos levantados, e ainda um grande numero de despezas representativas dos encargos normaes de todas as administrações bem reguladas.

Essa deve ser effectivamente a norma de todas as administrações financeiras. É absurdo exigir-se que se não decrete um unico melhoramento sem se criar immediatamente a receita correspondente á despeza, mas é acertadissimo reclamar-se que se crie a receita sufficiente para occorrer aos encargos annuaes dos capitaes levantados para esses melhoramentos se realisarem.

Foi para satisfazer a estes preceitos de boa administração que Fontes Pereira de Mello, apresentando ás camaras o seu notabilissimo relatorio de fazenda, lhe propoz ao mesmo tempo um systema tributario completo, que no seu entender devia ser sufficiente para que se ocorresse com receita proveniente do imposto ás despezas que devem ser pagas com essas receitas. Contava que os impostos que propunha lhe dariam o rendimento de 2.346:811$207 réis, divididos da seguinte fórma.

Imposto de viação...............	686:498$748
Dois por cento para falhas.....	7:312$459
Direitos de mercê...............	80:000$000
Reforma do imposto do sello...	300:000$000
Imposto do consumo (liquido para o thesouro).....................	1 273:000$000

Não levantaram estas leis séria resistencia nas camaras, e foram discutidas até com certa placidez, mas entretanto no paiz começavam os agitadores a trabalhar, e a preparar manifestações que tinham de promover a queda de um ministerio, que tão largos serviços prestára ao paiz.

Como se explica esta impopularidade que assaltou de subito um ministerio que assignalára a sua gerencia com medidas tão notaveis, e cujo alcance não podia escapar mesmo aos mais ignorantes? Essa impopularidade nunca existiu, essa é que é a verdade. Não houve mais do que uma campanha politica habil e energicamente dirigida por um certo numero de agitadores.

A fusão fôra um erro politico de tal ordem que nem chega sequer a comprehendel-o quem não está no segredo das diliberações partidarias d'esse tempo. Em politica ha sempre, muito mais do que em economia politica, segundo a velha e estafada phrase de Frederico Bastiat, o que se vê e o que se não vê. Não conhecemos «o que se não vê» d'essa historia da fusão, e por isso talvez seja o nosso juizo errado; mas do que se vê o que se deduz é que se praticou uma falta capital com similhante evolução.

Reunir n'um só feixe todas as forças politicas do paiz, englobar n'um só partido os mais consideraveis elementos dos dois fortes partidos que até ali se digladiavam, podia affastar no momento em que se realisou todos os obstaculos do caminho do governo, mas preparava inevitavelmente para o futuro as mais graves difficuldades.

Deixar a opposição apenas com elementos sem força para constituirem uma aggregação partidaria regular, era ensinar-lhes o caminho do motim e da arruaça. Esperava por acaso o governo fusionista perpetuar-se no poder? Tencionava destacar n'um momento dado um dos seus ramos para fundar um novo governo? Não sabemos, não podemos advinhar sequer qual foi o pensamento que presidiu a este acto da fusão, o que previam, e o que esperavam os homens politicos que tomaram deliberação tão importante; mas o que é para nós certissimo é que se illudiram completamente nas suas previsões, nos seus calculos, e que estiveram assim a pique de lançar de novo o paiz no caminho das aventuras d'onde a politica de tolerancia e de moderação de Rodrigo da Fonseca e de Fontes Pereira de Mello o arrancára em 1851.

Quando a opinião publica se manifesta contra qualquer medida de governo, a opposição naturalmente, vendo que se lhe abre assim a estrada do poder favorece esses protestos, e dá lhes echo no parlamento. Quando porém é tão fraca parlamentarmente e partidariamente que da sua acção parlamentar e da natural evolução dos partidos não pode esperar a conquista do poder vae em *meetings*, e na praça publica e na imprensa, reforçar e avolumar esses protestos da opinião.

Foi o que succedeu em 1867. A opposição parlamentar estava reduzida a 4 ou 5 vozes. Trovejavam contra o governo fusionista todos os dias os srs. Lobo de Avila, Dias Ferreira, e Santos Silva, acompanhados pelas vozes mais brandas de Carlos Bento e de Fradesso da Silveira. Viam elles comtudo que, entre as medidas salutares apresentadas pelo governo algumas havia que forçosamente haviam de levantar a opinião. A reforma administrativa, modificando a circumscripção dos concelhos, e supprimindo muitos, encontraria forçosamente viva resistencia no espirito local, sempre aferrado ás instituições municipaes, sempre desejoso de conservar os velhos fóros dos antigos concelhos. O imposto do consumo tambem não podia ser bem acolhido pelo contribuinte que nunca vê com bons olhos o aggravamento tributario; mas tornava-o ainda mais antipathico o regulamento que era vexatorio, como difficilmente podia deixar de ser, desde o momento que se pretendia impedir o commerciante de escapar ao pagamento do imposto.

Se essas medidas eram antipathicas á opinião publica, e se a opposição não tinha força parlamentar para abrir na camara uma campanha com justas esperanças de subir ás eminencias do poder, é claro que havia de procurar força e apoio onde lhe não faltavam — nos *meetings*, e na praça publica.

Para esse campo voltou pois a opposição todas as suas attenções; ahi trabalhou com energia. A imprensa popular, que se creara entre nós havia pouco tempo, deu-lhe um reforço importantissimo. Effectivamente o jornal barato, que se vendia pelas ruas, penetrava no seio das massas populares, e formava opinião, em quanto a velha imprensa fusionista, afferrada ás antigas formulas jornalisticas, publicava os explendidos artigos de Rodrigues Sampaio e de Teixeira de Vasconcellos na *Revolução de Septembro* e na *Gazeta de Portugal*, periodicos lidos apenas pelos homens politicos, e pelas classes conservadoras. E contra elles agitava-se, correndo de mão em mão, e dando ás reclamações opposicionistas uma formula extremamente popular e incisiva o *Diario Popular*, onde o sr. Marianno de Carvalho começára a sua carreira de jornalista acerbo e violento.

Assim quando depois de votações quasi unanimes, se fecharam as camaras, e se principiaram a executar as leis votadas, começou tambem a agitar-se a opinião. O Porto sobre tudo protestou contra o regulamento do imposto de consumo. O protesto era pacifico apesar das excitações dos oradores dos *meetings*, mas não podia deixar de ser attendido porque era o protesto da classe commercial. O movimento de Lisboa foi menos pacifico, teve até um caracter arruaceiro, mas foi tambem muito menos importante. Via-se n'elle a mão dos politicos, e via-se tambem que a epocha das *bernardas* estava felizmente encerrada, porque os manifestantes, no meio do seu enthusiasmo, revelaram sempre um sagrado respeito pelo sabre da municipal.

Ao mesmo tempo em alguns concelhos extinctos appareciam resistencias não muito vigorosas contra a sua suppressão. O conjuncto de todos estes movimentos que tomou o nome de *janeirinha* porque foi no dia 1.º de janeiro de 1868 que a manifestação assumiu um caracter mais energico, preoccupou El-Rei, que, não concordando com a indicação apresentada por Joaquim Antonio de Aguiar para satisfazer as reclamações que alguma justiça tivessem, e para debellar as outras, levou assim o ministerio fusionista a pedir a demissão.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

O VISCONDE DE JUROMENHA

IV

Estabelecido em Lisboa, de 1837 para 1838 já o visconde de Juromenha pensava em colligir apontamentos para dar á luz as primicias dos seus estudos historicos, litterarios e artisticos. Não confiava em si. Intimidava-o a idéa de que podiam discutir um trabalho seu e que não o favoreceria a critica. Assoberbava-o uma excessiva modestia. Manteve sempre esses escrupulos, por não confiar nem nas suas investigações, nem no seu talento.

Li o rascunho de uma carta do visconde para um homem de letras, francez, e seu parente, que lhe pedira para que elle revisse o manuscripto de uma obra que desejava mandar imprimir; e n'essa resposta dizia o visconde: «Dispense-me d'isso. Far-lhe-hia de boa vontade a revisão, que me pede, se eu tambem não fosse obrigado a recorrer á benevolencia de algum amigo para me rever o que, de vez em quando, vou alinhavando. Os conselhos de amigos intimos é que me animam a affrontar com os riscos da publicidade.»

O periodo de 1837 para 1838, se não é escasso em successos de outra ordem, é fertil em acontecimentos litterarios. Vem d'ahi um periodo aureo da litteratura nacional no presente seculo.

N'aquella época tinham-se aproximado, e viviam fraternalmente, alguns homens de notabilissimo merecimento. Alexandre Herculano tinha publicado, anonyma e sob a falsa indicação de ser impressa no Ferrol, a primeira parte da *Voz do propheta*; limava a segunda, para sair dos prélos da typographia de Galhardo; e preparava com o dr. Antonio da Costa Paiva, depois barão de Castello de Paiva, a revisão do manuscripto de fr. Bernardo da Cruz, para nos dar a boa edição da interessante *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*. Paiva tinha apparecido na republica litteraria com a versão dos *Romances de Voltaire*, e ajustava no Porto, com Kopke, a publicação do *Roteiro de Vasco da Gama*. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento versejava, preparava-se para as luctas politicas e parlamentares; e delineava as principaes scenas do seu *Lopo de Figueiredo*.

Esses, e outros de que não é necessario dar aqui o elenco, entravam nos segredos da fundação de uma sociedade propagadora dos conhecimentos uteis; e Vianna Pedra, consciente de que teria em volta de si quem o auxiliasse a elle e a outros dedicados amigos n'uma grande obra de civilisação, que o foi sem duvida, convidava e instava com Alexandre Herculano para dirigir o *Panorama*, revista que, na sua parte litteraria e artistica, tomava para modelo as publicações de igual natureza, que tinham então grande voga em Paris e eram reproduzidas em Bruxellas.

O *Panorama*, favorecido por tão bons auspicios, e assegurando a sua brilhante existencia sob a direcção de um homem da visivel estatura de Alexandre Herculano, foi, e ainda é, porque ainda innumeros estudiosos o consultam, uma revista de primeira ordem, pelo grande numero de noticias e documentos da historia patria, que ali ficaram registados.[1]

[1] O *Panorama*, como se sabe, na primeira época da sua vida, saiu anonymo. Os que estavam familiarisados com Herculano, conheciam-lhe o genero de escriptura a que principalmente se dedicava e o seu estylo grave e castigado. Era facil, em cada numero, indicar os artigos que pertenciam ao egregio escriptor. Mas a collaboração de alguns era, e ficou por muito tempo ignorada. Poucas pessoas sabiam que um dos anonymos era um dos mais devotados e mais intimos de Herculano. Era o Meira, grande sabedor de escripturação mercantil, grande cultor das letras; homem simples no viver, exemplar de probidade, chão, recto, sabendo conversar com graça,

Ignacio Pizarro permanecia em Lisboa, e tratava por igual, na mesma affectuosa convivencia, Alexandre Herculano e o visconde de Juromenha. Este, na sua lua de mel, entrelaçava os jubilos domesticos com as distracções litterarias, e embevecido ante as bellezas de Cintra, estudava os auctores que tinham exaltado tão formosa região e colligia novos apontamentos.

Quando esses apontamentos tomaram certo volume, perguntou para si se deveria dal-os ao publico, se mereceriam o beneficio do prélo, e não se decidiu desde logo. Consultou a Ignacio Pizarro. Ambos resolveram consultar a Alexandre Herculano.

O visconde não o conhecia pessoalmente. Ignacio Pizarro entrou immediatamente n'essa grata negociação, e por tal modo que, estabelecidas as relações com Herculano,[2] d'ahi em diante os tres tinham frequentes conferencias litterarias e já não podiam passar sem se avistarem a meúdo. Votou-se a publicação do trabalho do visconde, e Herculano quiz revêr o original.

—Façam o que quizerem. Publiquem, publiquem. Mas olhem que eu não ponho o nome na obra, dizia o visconde de Juromenha.

A *Cintra pinturesca*, que com effeito saiu anonyma, foi a sua estreia litteraria em 1838. Boa estreia. É um volume in-8.º grande com 231 paginas e saiu dos prélos da typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, que então era na Rua Nova do Carmo, n.º 39 D (antigo). Não é facil encontrar hoje no mercado esta interessantissima obra; e quando apparece, um ou outro exemplar, nenhum vem acompanhado do *Album de vistas da Cintra pinturesca,* que fôra distribuido na occasião da publicação d'este livro.

O visconde de Juromenha deu-lhe como epigraphe os seguintes versos de Almeida Garrett, extrahidos do canto v do *Camões:*

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem em teu recinto
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá?

Lembro aos camonianistas, que ainda não a tenham, que n'esta primeira obra do visconde de Juromenha, vinda a publico, se encontram referencias a Camões, por exemplo, nas pag. 6, 7, 23, 24, 25 e 43; e que estou convencido de que, por causa d'ella, nasceu a idéa de entrar mais afoutamente no estudo das obras do sublime cantor dos *Lusiadas,* e dos seus criticos e commentadores, o que veiu a realisar vinte e dois annos depois.

Parece-me que não resta duvida. Elle entrára no caminho das mais minuciosas e mais uteis investigações.

(Continúa).

Brito Aranha.

às vezes um tanto rudo no trato, mas no fundo muito delicado, amigo leal; acostumado á convivencia dos bons livros e dos homens doutos, erudito como elles, e auxiliando-os ás vezes com a sua prodigiosa memoria. Aprendera o francez e o inglez sem mestre.

Conheci-o em 1849 no escriptorio da *Revolução de Setembro,* de que elle foi por longos annos o traductor effectivo, com direito de encher a folha, isto é, de escrever em todas as secções, se os redactores faltassem, o que succedia ás vezes com José Estevão. Lembra-me de o vêr, na celebrada casa da Rua da Bica de Duarte Bello, sentado á meza da redacção, trajando fato de panno de uma só côr, castanho escuro, com o lenço encarnado em uma das mãos e o periodico francez ou inglez em outra mão, perguntando aos typographos, meio risonho, com ar de resignado, se era necessario escrever muitas ou poucas tiras de papel. Fazia o serviço de boa vontade, e ainda depois conversava alegremente, alternando com anedoctas. Perdôem-me esta nota. Quando, porém, tenho que citar algum homem probo, cujas relações estabeleci por 1849, e que já se foi, permittam-me que marque a saudade amarga de o não poder vêr mais, com a confissão intima de que recordo a minha entrada n'esse anno na imprensa, com a coincidencia de que os meus primeiros passos foram exactamente dados na *Revolução de Setembro,* e que o primeiro escriptor com quem tratei foi o bom do Meira.

[2] No tomo I das *Obras* de Camões, o illustre visconde de Juromenha faz da pag. 398 para 399 um notavel elogio a Alexandre Herculano, accrescentando: «Ha mais de vinte annos que me prézo de me contar no numero dos seus amigos, e durante este longo periodo tenho sido testemunha das importantissimas indagações historicas que (além de outras) tem feito no Archivo Nacional, onde nos encontrámos.»

ANTONIO LOPES MENDES

E O SEU LIVRO «A INDIA PORTUGUEZA»

(Continuado do n.º 309)

Oitava Encarnação. *Crishnâ avatar.*—N'esta oitava encarnação Vishnú, com o nome de menino Crishná ou Khrisná, que quer dizer preto, nasceu de Dévaki, irmã de Caunso, rei de Maturá, e mulher de Vassudeva.

Tinham predito os *gaddys* (feiticeiros) que o oitavo menino que Dévaky tivesse, havia de matar seu tio Caunso, que tinha morto os primeiros sete filhos que sua irmã déra á luz.

Crishná, a quem os *devantas* (anjos) e *gopallas,* rodeando o berço, cantaram hymnos em seu louvor, salvou-se por meio da troca feita com uma filha de Nondá, rei dos pastores, e de sua mulher Doxumoti ou Exueda. Apesar da troca que occultamente se effectuou, Caunso, receiando ser morto, tratou de matar a filha do pastor. No acto de executar a morte da recemnascida *gopalla,* foge Crishná para a região atmospherica; e mostrando-se ali com oito braços, diz a Caunso, que Vishnú se vingará d'elle. Caunso aterrorisado com as palavras de Crishná, e para se livrar do receio que tanto o atormentava, mandou degolar todas as creanças recemnascidas em Maturá. Crishná, para escapar a esta carnificina, foge para os Gattes; faz-se *gopalla,* e declara-se protector dos goulys. Em seguida mata a mulher gigante, denominada *Putaná,* que fôra mandada por Caunso para o envenenar com seu maligno leite, e suspende com o dedo minimo da mão esquerda a montanha *Govardhana,* para salvar os seus companheiros do sinistro preparado por Indrá. Posteriormente, e tendo apenas seis annos de idade, mata a monstruosa serpente Caliá, que habitava no lago Dôha, situado nas margens do rio Ememá ou Jumná, e infestava não só as aguas do lago, mas ainda a atmosphera na circumferencia de de muitas leguas, a ponto de ter morrido todo o ser vivente, que ali existia antes, ou que teve a desventura de por ali passar durante a permanencia de Caliá n'aquellas paragens.

Protege os cinco filhos de Panddu e de Conty, (reis descendentes da *Sondry* conhecidos por Pondáos) Dharmá Bhianá, Arjuna, Naculá e Sahadeva, auxiliando-os não só contra seus primos Durêodhans, como tambem contra seus co-irmãos, que foram mortos n'uma batalha, que durou dezoito dias.

Crishná, depois de matar seu tio Caunso, e de collocar no throno a Dharmá, primogenito dos Pondáos, dizem os mythologistas que voltou para os Gattes, onde por muito tempo viveu em obscuridade com os pastores.

Recomeçando a sua vida publica, distinguiu-se pelo valor e beneficencia; sacrificava os poderosos soberbos, e protegia os humildes; lavava os pés aos brahmanes, e prégava a mais perfeita doutrina; mas prevalecendo por fim o poderio de seus inimigos, segundo uma tradição, foi amarrado a uma arvore e traspassado por setas; predizendo, antes de expirar, os males que sobreviriam á humanidade na Kaly-yuga, que começaria trinta e seis annos depois do seu passamento.

Esta encarnação é objecto do grande poema heroico, o *Mahabharata,* do qual Crishná é o verdadeiro e principal heroe.

Nona encarnação. *Budha avatar.*—Vishnú appareceu n'esta encarnação unicamente aos seus primitivos devotos. Os gentios affirmam que se ignora o logar aonde reside Budha, que significa encoberto, ou Vishnú invisivel. Créem que ha de apparecer no fim da sua epocha, que dizem ser a presente, para julgar os homens. Costumam represental-o n'esta encarnação deitado e em completa nudez, observando o que se passa no mundo; mas os que assim o representam, são unicamente os *joinas* da seita de Budha.

Como em Goa não existe a seita dos joinas, que está quasi extincta no Industão, por se haver concentrado na China, os gentios do Concão figuram-n'o, conforme se vê na estampa, com as pernas encruzadas, de aspecto alegre, e com os respectivos emblemas nas mãos correspondentes aos seus quatro braços. As figuras que se notam aos lados, são dois *joguys* ou santões chamados Dentás, seus adoradores.

(Continua).

C. A.

O PRATICANTE

(Conclusão)

Vinha do Rio a *Sereia,* carregada de café: deitava pela estima os seus dez nós. Sobre a madrugada seguinte deveriam avistar a terra.

Mas n'essa manhã o vento rondou de subito para o sul, onde se fixou, e o mar principiou a cavar-se.

A marinhagem olhava inquieta para uma nevoasita que se espumava no azul purissimo a beijar a superficie do oceano no horisonte recuado.

O commandante, oculo em punho, os braços nervosos estendidos, estudava a nuvemsita esbranquiçada que parecia immovel.

—Que lhe parece aquillo, Theodoro?

—Que vamos dançar um pedaço. Ou me engano, ou temos imminente um aguaceiro.

—Tambem me parece.

E subindo para a ponte bradou com voz forte:

—Toda a gente a cima!

Dez minutos depois todas as vellas estavam ferradas.

Mas não era bastante. O sul rompia em refegas formidaveis, fazendo ranger a embarcação.

—Ferra tudo! Arria os mastareus!

O navio alliviou, ficando apenas com a gavea a vella do estae. As vagas cavavam-se já em grandes ondulações, arripiadas ao de leve. O sol desappareceu nas primeiras nuvens que vinham correndo tumultuariamente e pouco depois ouviase, ainda ao longe, o ruido surdo da trovoada.

Pelo meio dia uma rajada violenta arrebatou a vella do estae, que foi arrastada no turbilhão, ares fóra, semelhando uma ave gigantesca, até se perder de vista: ficou só um pedaço de panno a bater sinistramente.

Foi então que o commandante mandou ferrar a gavea, manobra difficil e arriscada que ia custando a vida de dois gageiros.

O navio rangia em convulsões. De espaço a espaço ouviam-se estalidos medonhos e seccos, como se todo o cavername fosse estoirar.

O desanimo começava a invadir todos os corações e o terror pintava-se nos rostos lividos dos marinheiros, á medida que a noite se acercava.

Duas horas mais de lucta e estariam perdidos.

De repente ouviu-se por entre o fragôr da tempestade uma voz angustiada gritar:

—Agua aberta! Estamos perdidos!

E um marinheiro aterrado correu para a ré, doido de pavôr.

Este grito iria lançar a desordem n'aquelles espiritos acobardados pela grandeza do perigo; mas o commandante saltou da ponte para o tombadilho e agarrando o marinheiro pelo pescoço poz-lhe na fronte um revolver:

Um passo mais e morres como um cão! Para o teu posto, miseravel!

E voltando-se para a tripulação espavorida, bradou com voz forte que dominou por instantes os rugidos do vento e a furia das vagas.

—Faço saltar os miolos áquelle que me desobedecer! Oito homens ás bombas!

D'ali a um instante, por entre o turbilhão formidavel da borrasca ouvia-se o tac-tac das bombas que jorravam golfadas de agua pelas suas duas boccas escancaradas.

E a terra tão longe! e a noite a chegar! e o tufão a crescer terrivel e ameaçador!

Houve marinheiro que prometteu ir de joelhos até á ermida da Serra-Boa, meia legua por um caminho de cascalho! Dois homens apenas estavam tranquillos, mas pallidos—o capitão e o praticante.

—Parece-me que não veremos o sol de amanhã...

—Tem medo?

—Tenho, commandante; mas descance que não arredarei pé: conte comigo.

—É um valente, sei. O navio é rijo e ha-de resistir se...

—Se?...

—Se não sobrevier o que receio.

O Lobo apontou para cima:

—A trovoada...

E como se quizessem responder a estas palavras as nuvens abriram-se n'um relampago monstruoso, seguido por um trovão que echoou lugubremente em toda a vastidão do oceano.

Ouviu-se um estalido terrivel. A marinhagem correu em tropel para a pôpa, fechando os olhos. Quando os abriram soltaram um grito de terror.

Um raio fendera o mastro do traquete que se mantinha em equilibrio por milagre.

Immediatamente uma vaga gigante, apanhando a barca de travez deitou-a a um lado. Ouviu-se novo estalido, e o mastro, partindo rente do convez, tombou para bombordo, ficando suspenso sobre o mar, preso ao mastro real por um cabo, o unico que não se despedaçou.

Com os solavancos desordenados o enorme madeiro oscillava doidamente, ameaçando perda imminente. O navio todo adornado parecia querer submergir-se. A agua varria o con-

vez e o leme desgovernára.

Imprecações, juras, blasphemias de envolta com orações! Um inferno de angustias! Quasi todos os homens haviam cahido de joelhos. Ninguem se entendia.

O commandante em pé na ponte, o olhar espavorido, rasgava o peito com as unhas. O terror principiava a dominal-o: fugira-lhe o sangue frio. Inconscientemente engatilhou o rewolver, voltando-o para si...

De repente ouviu-se uma voz retumbante:

—Coragem, rapazes! não está nada perdido! Um homem valente para ir cortar d'um golpe aquelle cabo!

Todos os olhares se ergueram para o alto do mastro real, mas ninguem se moveu.

Nos labios d'aquelles homens erravam sorrisos medonhamente sarcasticos. O que lá fosse seria despedaçado.

—Vá, rapazes de coração! Um valente que se sacrifique para salvar os companheiros!

Nem uma voz lhe respondeu. A tempestade bramia com violencia assustadora. O casco da barca estalava por todas as costuras, e o vento fazia assobiar os cabos retezados.

—Bem! Eu irei...

E Theodoro, saltando para as enxarcias, uma faca nos dentes, o cabello solto ás rajadas impetuosas, trepou até ao calcez.

Aos pés ficava-lhe o abysmo e a morte.

A tripulação levantou-se attonita, esquecida do proprio perigo, as mãos erguidas para cima, tocada pela coragem e abnegação d'aquelle doido.

YACHT DE RECREIO «SIRIUS» E VAPOR «DRAGÃO»

PERTENCENTES A SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ

(Desenho do artista amador sr. José Pardal)

—Desça! gritaram todos a um tempo.

—Deus... murmurou o Lobo, as mãos cruzadas.

E os seus labios tremulos moveram-se, como n'uma oração.

—Desça! repetiram os marinheiros, estendendo os braços.

Mas o praticante não os ouvia. Perdido nas nuvens, o seu corpo oscillava vertiginosamente, jogando com o navio, e cercado d'uma nevoa de agua pulverisada. Era preciso ter nervos de aço para aguentar os balanços furiosos que o saccudiam.

Seria facil cortar o cabo; mas o cabo era de fios de ferro entrançados, até metade; n'esse extremo ia prender-se por meio d'um moitão collossal a um cabo de linho, grosso como um virador, e que se encapellava ao mastro partido.

Urgia tomar uma resolução. O tempo voava. O mastro grande rangia e estalava.

O praticante esperou o momento em que a embarcação se endireitava um pouco e abraçando-se ao cabo repuxado, deixou-se escorregar até ao cadernal.

Ouviu-se um grito medonho de angustia soltado por muitas boccas.

Elle sorriu-se. Olhou para baixo, e repentinamente, quando o navio mettendo a borda, tocava com as vergas no mar, cortou com mão firme, d'um golpe só o cabo de linho.

Ouviu-se um estampido enorme, a que respondeu um grito unico de terror e de admiração.

A tripulação fechou os olhos para não vêr morrer aquelle louco sublime. Mas quasi ao mesmo tempo um outro brado de espanto furou os rugidos cavos da tempestade. Theodoro, depois de baloiçar por segundos sobre o abysmo, largára o cadernal que veio despedaçar-se furiosamente de encontro ao mastro real, e d'um salto arrojado, ficou abraçado á enxarcia, emquanto o mastro partido, pelo seu proprio pezo, se despenhava como um ariete no redemoinho das aguas onde se sumiu para sempre.

N'este momento um marinheiro gritava para o commandante:

—Terra! Terra á vista!

Com effeito nas brumas do crepusculo, descobria-se ao longe, muito ao longe, rente do mar, a frouxa claridade d'uma luz muito pallida, como uma estrella a elevar-se nos confins do horisonte.

Era o pharol do Cabo de S. Vicente.

Lorjó Tavares.

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento. Morreu em Ponta Delgada o naturalista açoriano Francisco da Arruda Furtado. São muito apreciaveis os trabalhos scientificos de Arruda Furtado, principalmente os seus estudos sobre conchyologia e investigações sobre os primeiros povoadores da ilha de S. Miguel. Arruda Furtado entreteve correspondencia com alguns sabios extrangeiros como Carlos Darwin, Gustave Le Bon, etc. Era um sabio que honrou a sciencia e a patria.

Outro. Falleceu em Essen o celebre Krupp, inventor das afamadas peças de artilheria que deram tanta celebridade ao seu auctor e tanto dinheiro como de victimas terão produzido. O seu funeral foi concorrido por homens eminentes de todas as profissões, incluindo representantes do imperador Guilherme, principe imperial e outros principes allemães. 12:000 operarios, que trabalhavam nas officinas de Krupp, tomaram também parte no grande prestito.

Microbio da Escarlatina. Segundo estudos do Dr. Klein de Londres, descobriu-se que o leite contém algumas vezes o microbio da escarlatina.

Isthmo do Panamá. Mr. Fernando Lesseps no seu ultimo relatorio sobre as obras do isthmo do Panamá, dá a esperança de que em 1889 já deverá haver communicação entre os dois mares, embora as obras não fiquem ainda concluidas.

Loteria portugueza. No anno decorrido do 1.º de julho de 1886 a 30 de junho de 1887, realisaram-se em Lisboa trinta e seis loterias da Mizericordia, as quaes importaram em 879:750$; se a esta cifra juntarmos o que se gasta em Portugal com a loteria hespanhola, não erraremos muito se calcularmos que o povo portuguez dispende n'este jogo auctorisado quantia superior a 2.500:000$000. Uma boa parte d'esta somma representa muitas privações, pois é certo que as classes menos favorecidas são as que maior contingente dão para esta monstruosidade, impellidas pela esperança mil vezes illudida, de enriquecer por meio das loterias.

As Ostras. Descobriu-se que as ostras tem uns pequenos parasitas nocivos á saude de quem as come. É certo, porém, que estes parasitas morrem com o sumo de limão, com que em geral, se temperam as ostras cruas para se comerem, e este facto deve servir de preventivo para que nunca se deixe de comer as ostras sem sumo de limão.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Apontamentos para a reforma e historia da Educação Phisica em Portugal *seguidos de um programma de Gymnastica sem apparelhos para uso das escolas municipaes de Lisboa*, por Alfredo Dias, professor de Gymnastica das escolas municipaes. Lisboa, 1887. Mais um livrinho de propaganda a favor da gymnastica, considerada como um grande agente reformador da educação phisica, propaganda iniciada, no nosso paiz, ha pouco mais de vinte annos, e que n'estes ultimos tempos tem conseguido algum resultado, pelo esforço e dedicação de alguns homens, entre os quaes se conta o sr. Alfredo Dias. O programma apresentado parece-nos muito bom e que deve concorrer utilmente para o aperfeiçoamento da educação phisica da mocidade portugueza.

Chapeleria Universal *de Victor Coutinho & C.ª fornecedor da casa real*, etc. Porto, Figurinos em phototypia das ultimas novidades de verão.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira. Concluiu o segundo tomo d'esta importante obra, e principiou a publicação do terceiro tomo. Os documentos principiados a publicar n'este tomo alcançam já o primeiro quartel do seculo XVII.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa